

ELE FARÁ QUALQUER COISA
PARA A TER... INCLUINDO MENTIR.

A série
mais
viciante
do ano

twisted
LIES

ANA HUANG

«Erotismo, paixão e suspense.»
Diário de Notícias

1

STELLA

— S^TELLA!

O meu coração acelerou-se. Nada fazia disparar mais depressa a minha reação de luta ou fuga do que o som da voz da Meredith.

— Sim? — Escondo o tremor por trás de uma expressão neutra.

— Presumo que consegues levar os artigos todos de volta para o escritório. — Vestiu o casaco e pôs a carteira ao ombro. — Tenho uma reserva para jantar e não posso faltar.

— Cla...

E desapareceu porta fora.

— Claro que consigo — acabei de dizer.

O fotógrafo parou o que fazia e olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas. Respondi-lhe com um encolher de ombros. Eu não era a primeira assistente numa revista a sofrer com uma chefe tirana, e certamente não seria a última.

Em determinada altura, trabalhar numa revista de moda era um sonho para mim. Agora, depois de quatro anos na *DC Style*, a realidade tirara-lhe todo o brilho.

Quando acabei de arrumar os artigos da sessão fotográfica, os deixei no escritório e me pus a pé para casa, tinha a testa húmida de suor e os meus músculos estavam perto de se transformarem em gelatina.

O sol pusera-se há meia hora e os candeeiros emitiam um brilho alaranjado sobre os passeios cheios de neve.

A cidade estava sob aviso de nevão, mas só se previa a chegada do temporal para daqui a umas horas. Também era mais rápido ir para casa

a pé do que de metro, que ficava congestionado quando caía um centímetro de neve na rua.

Era de pensar que a cidade estaria mais bem preparada, já que nevava todos os anos, mas não. Não DC.

Eu não devia olhar para o telemóvel enquanto andava, principalmente considerando o estado do tempo, mas não consegui evitar.

Abri o *e-mail* que recebera naquela tarde e fiquei a olhar para ele, à espera de que as palavras se reorganizassem em alguma coisa menos perturbadora, mas isso nunca acontecia.

A partir do dia 1 de abril, o custo de um quarto privado na Residência Sénior Greenfield passará para seis mil e quinhentos dólares por mês. Apresentamos antecipadamente as nossas desculpas por qualquer inconveniente, mas estamos confiantes de que resultará numa qualidade de cuidados ainda superior para os nossos residentes...

O batido verde que engolira à hora do almoço agitou-se no meu estômago.

Inconveniente, diziam eles. Como se não estivessem a aumentar a mensalidade da residência de habitação assistida em mais de vinte por cento. Como se os seres humanos *vulneráveis*, vivos, que respiravam não viessem a sofrer devido à ganância da nova gestão.

Inspira, um, dois, três. Expira, um, dois, três.

Tentei fazer com que a inspiração profunda afastasse a ansiedade que aumentava cada vez mais.

A Maura foi basicamente quem me criou. A única pessoa que esteve sempre lá para mim, mesmo que agora já não me conhecesse. Não *podia* mudá-la para outra residência. Greenfield era a melhor da zona e tornara-se na sua casa.

Nenhuma das minhas amigas, tão-pouco os familiares, sabia que eu pagava pelos cuidados da Maura. Não queria lidar com as perguntas inevitáveis.

Precisava de encontrar forma de fazer face aos custos mais elevados. Talvez pudesse aceitar novas parcerias ou negociar orçamentos mais elevados para as publicações do meu blogue e Instagram. Em breve teria um jantar com a Delamonte em Nova Iorque, que a minha agente dissera ser, na verdade, uma audição para me tornar embaixadora da marca. Se eu...

— Menina Alonso.

A voz profunda e sedosa acariciou-me a pele como veludo preto e fez-me parar de repente. Senti-me trespassada por um arrepio de aviso e prazer em partes iguais.

Reconhecia aquela voz.

Só a ouvira três vezes, mas fora o suficiente. À semelhança do homem a quem pertencia, era inesquecível.

A cautela tremeluziu no meu peito antes de a afastar. Virei a cabeça, o meu olhar passou sobre os poderosos pneus de inverno e as linhas esguias e distintivas do *McLaren* preto que parara ao meu lado antes de o condutor baixar o vidro do lado do passageiro.

O meu coração abrandou um pouco o ritmo da batida.

Cabelo escuro. Olhos cor de uísque. Um rosto tão requintadamente esculpido que podia ter saído das mãos de Miguel Ângelo.

Christian Harper.

CEO de uma empresa de segurança de elite, proprietário do *Mirage*, o edifício onde eu vivia, e possivelmente o homem mais bonito, e mais perigoso, que já conhecera.

Quanto à parte do *perigoso*, não tinha nada que me avisasse exceto o instinto, mas ele nunca me enganara.

Inspirei brevemente. Expirei. E sorri.

— Senhor Harper. — A minha resposta educada foi recebida com uma expressão seca de divertimento.

Aparentemente, só ele tinha permissão para se dirigir às pessoas pelo seu último nome, como se todos vivêssemos numa sala de reuniões gigantesca e abafada.

Os olhos do Christian passaram pelos flocos de neve que me caíam sobre os ombros antes de se encontrarem com os meus.

O meu coração abrandou uma batida mais.

Pequenas fagulhas ganhavam vida por baixo do peso do olhar dele, e precisei de recorrer a todas as forças para não dar um passo atrás a fim de afastar aquela sensação perturbadora.

— Está um tempo fantástico para dar um passeio. — A observação dele era ainda mais inexpressiva do que o olhar.

O calor subiu-me imediatamente até à nuca.

— Não está assim tão mau.

Só nesse momento me apercebi do ritmo alarmante a que a neve se adensava. Talvez a previsão da hora do nevão estivesse um *pouco* desfasada da realidade.

— O meu apartamento fica só a vinte minutos do escritório — acrescentei para... sei lá para quê. Para provar que não era estúpida por andar na rua com um nevão, acho.

Agora que penso nisso, talvez tivesse sido melhor ir de metro.

— O nevão já começou e os passeios estão cheios de pedaços de gelo. — Christian apoiou o antebraço no volante, um gesto que não tinha o direito de ser tão atraente como parecia. — Dou-te boleia.

Ele também vivia no Mirage, por isso fazia sentido. Na verdade, o apartamento dele ficava por cima do meu.

Ainda assim, abanei a cabeça.

A ideia de me sentar num espaço confinado com o Christian, mesmo que durante breves minutos, deixava-me inundada de uma estranha sensação de pânico.

— Estou bem. Tens de certeza coisas melhores para fazer do que servir de meu motorista e, além disso, caminhar ajuda-me a organizar as ideias. — As palavras saíam-me de enxurrada. Eu não tagarelava com frequência, mas quando isso acontecia, nada me conseguia deter, a não ser talvez uma espécie de explosão nuclear. — É um bom exercício físico e, de qualquer maneira, preciso de testar as minhas botas novas para a neve. É a primeira vez que as calço. — *Para de falar.* — Por isso, muito obrigada pela oferta, mas tenho de recusar educadamente.

Acabei o minidiscorso praticamente incoerente quase sem fôlego.

Estava a melhorar a capacidade de dizer não, mas ainda me explicava sempre mais do que o necessário.

— Se é que faz sentido? — acrescentei, quando o Christian continuou calado.

Uma rajada de vento gelado escolheu aquele instante para me chicotear. Atirou-me o capuz do casaco para trás e trespassou-me as camadas de roupa até aos ossos, provocando-me uma onda de tremores involuntários.

— Faz, sim — disse o Christian finalmente, o tom de voz e a expressão impossíveis de ler.

— Ótimo. — A palavra estremeceu por entre os meus dentes, que batiam. — Então vou deixar-te...

O suave clique da porta a destrancar interrompeu-me.

— Entra no carro, Stella.

Entrei.

Disse a mim mesma que só o fazia porque a temperatura parecia ter descido vinte graus em cinco minutos, mas sabia que era mentira.

Foi ao som do meu nome dito com aquela voz, pronunciado com tamanha autoridade calma, que o meu corpo obedeceu antes de protestar.

Para um homem que eu mal conhecia, ele quase tinha mais poder sobre mim do que qualquer outra pessoa.

O Christian afastou-se do passeio e rodou um botão no painel de instrumentos. Um segundo depois, o calor saiu da ventilação e aqueceu-me a pele gelada.

O carro cheirava a couro requintado e especiarias caras, além de que estava sinistramente limpo. Não tinha pacotes vazios, copos de café a meio, nem sequer um grão de pó.

Enterrei-me um pouco mais no banco e olhei de relance para o homem que ia ao meu lado.

— Consegues sempre o que queres, não consegues? — perguntei com leveza, tentando dissolver a tensão inexplicável que inundava o ar.

Ele também olhou de relance na minha direção antes de voltar a concentrar-se na estrada.

— Nem sempre.

Em vez de se dissolver, a tensão aumentou e entranhou-se nas minhas veias. Quente e inquieta, como uma brasa à espera de um pouco de oxigénio para ganhar vida.

Missão fracassada.

Virei a cabeça e olhei através do vidro da frente, demasiado afetada pelos acontecimentos daquele dia para tentar fazer mais conversa de circunstância.

Os nervos que me trepavam pelo peito em direção à garganta também não ajudavam.

Eu devia ser aquela pessoa descontraída, calma, que via sempre o lado positivo das coisas e que, não importava a situação, conseguia manter a sensatez. Projetara esta imagem durante a maior parte da minha vida, porque era o que esperavam de mim como uma Alonso.

Uma Alonso não sofria de ataques de ansiedade nem passava as noites preocupada com as pequenas coisas que podiam correr mal no dia seguinte.

Uma Alonso não fazia terapia nem contava a vida e os seus problemas a um desconhecido.

Uma Alonso devia ser a imagem da perfeição.

Torci o colar no dedo até me constranger a circulação.

Provavelmente, os meus iam *adorar* o Christian, se o conhecessem. Em teoria, ele era tão perfeito quanto alguém podia ser.

Rico. Bonito. Bem-educado.

Ressentia-me disso quase tanto como da forma como ele dominava o espaço à nossa volta, a sua presença invadia cada canto até só existir uma coisa na qual eu conseguia concentrar-me.

Fixei os olhos na estrada, mas o aroma da água-de-colónia dele inundava-me os pulmões, e a minha pele zunia consciente da maneira como os seus músculos se fletiam a cada viragem do volante.

Não devia ter entrado neste carro.

Além do calor, a única vantagem era chegar a casa e ao duche mais cedo. Mal podia esperar...

— As plantas estão a dar-se bem.

Ele atirou esta declaração de modo tão casual e inesperado que demorei alguns segundos a perceber que alguém quebrara o silêncio e que fora o Christian, e não um produto da minha imaginação.

— Desculpa?

— As plantas do meu apartamento. — Parou num semáforo vermelho. — Estão a dar-se bem.

O que tinha isto que ver... *Oh.*

Entendi finalmente o que ele queria dizer e senti uma centelha de orgulho.

— Fico feliz. — Dirigi-lhe um sorriso tímido, agora que a conversa passara para um território seguro e neutro. — Elas só precisam de um pouco de amor e atenção para sobreviverem.

— E de água.

Pestanejei perante esta afirmação tão evidente.

— E de água.

As palavras pairaram entre nós durante alguns instantes, até que uma gargalhada se escapou da minha garganta e a boca do Christian se curvou no mais débil dos sorrisos.

O ambiente aligeirou-se, e o nó do meu peito afrouxou um pouco. Quando o semáforo ficou verde, o rugido poderoso do motor quase abafou as suas palavras seguintes.

— Tens um toque mágico.

O meu rosto ruboresceu e respondi com um pequeno encolher de ombros.

— Gosto de plantas.

— Então és a pessoa indicada para o trabalho.

Quando assumi cuidar das suas plantas em troca da manutenção do valor da renda do meu apartamento, elas estavam quase a morrer.

Depois de, no mês anterior, a minha amiga e colega de casa, Jules, ter ido viver com o namorado, as minhas opções eram encontrar outra companheira de casa ou sair do Mirage, já que sozinha não conseguia pagar as duas partes da renda. Afeiçoara-me ao Mirage, mas preferia um sítio mais modesto a morar com uma desconhecida. A minha ansiedade não lidava com isso.

O Christian já tinha baixado a renda quando fôramos ver o apartamento da primeira vez e mencionáramos que o preço estava fora do nosso orçamento, por isso fiquei chocada quando ele me propôs este acordo depois de lhe comunicar a provável saída do edifício.

Era um pouco estranho, mas ele era amigo do marido de uma amiga minha, a Bridget, o que tornava a oferta mais aceitável. Há cinco semanas que tomava conta das suas plantas e ainda não acontecera nada de terrível. Nem sequer o vira. Limitava-me a entrar, a regar as plantas e a sair.

— Como sabias que conseguia cuidar das plantas? — Ele podia ter-me proposto uma série de coisas: fazer recados, tratar-lhe da roupa, limpar-lhe a casa (apesar de ter empregada). A questão das plantas era estranhamente específica.

— Não sabia. — A sua voz transmitia desinteresse e mais qualquer coisa impercetível. — Foi só uma feliz coincidência.

— Não me pareces o tipo de pessoa que acredita em coincidências.

A falta de sentimentalismo do Christian entranhava-se em tudo o que fazia e usava — as linhas austeras dos fatos, a precisão calma das palavras, o desapego frio do olhar.

Eram traços de alguém que adorava a lógica, o poder e um pragmatismo frio e duro. Ele não acreditava em algo tão enigmático como a coincidência.

Por algum motivo, achou isto engraçado.

— Acredito mais do que pensas.

Fiquei intrigada com o tom autodepreciativo.

Apesar de ter acesso ao seu apartamento, sabia pouco a seu respeito. A *penthouse* onde vivia era um exemplo de *design* impecável e de luxo, mas quase não tinha objetos pessoais.

— Queres partilhar porquê? — perguntei.

Ele entrou na garagem privativa do Mirage e estacionou no lugar que lhe estava reservado, perto do portão das traseiras.

Não me respondeu.

Mas também não esperava que o fizesse.

Christian Harper era um homem envolto em rumores e sombras. Nem a Bridget sabia muito acerca dele, apenas conhecia a sua reputação.

Não voltámos a falar enquanto atravessávamos a entrada e o átrio.

Com mais de um metro e noventa, Christian tinha quase quinze centímetros a mais do que eu, mas eu continuava a ser suficientemente alta para acompanhar a sua passada larga.

Os nossos passos sincronizavam-se bem sobre o chão de mármore.

Sempre me sentira consciente da minha altura, mas a presença poderosa do Christian parecia envolver-me numa espécie de cobertor de segurança, desviando a atenção da figura de amazona.

— Acabou-se a história de andar a pé durante um nevão, menina Alonso. — Parámos junto aos elevadores e virámo-nos um para o outro. A sombra de um sorriso regressou aos seus lábios, cheios de *charme* indolente e confiança. — Não posso permitir que uma das minhas inquilinas morra de hipotermia. Seria mau para o negócio.

Uma nova gargalhada inesperada ecoou da minha garganta.

— Tenho a certeza de que encontrarias quem me substituísse num piscar de olhos.

Não sabia se aquela ligeira falta de ar se devia ao frio que ainda permanecia nos meus pulmões ou apenas ao impacto de estar tão perto dele.

Não estava romanticamente interessada no Christian. Nem em *ninguém*. Entre a revista e o blogue, não tinha tempo para pensar em sair com alguém.

Mas isso não queria dizer que fosse imune à sua presença.

Alguma coisa brilhou intensamente nos olhos cor de uísque antes de voltarem a endurecer.

— É pouco provável.

A ligeira falta de ar transformou-se em algo mais pesado que me estrangulou a voz.

Cada frase que saía da sua boca era um código que não decifrava, imbuído de um significado que só ele conhecia, e eu era deixada às escuras.

Falara com o Christian três vezes em toda a minha vida: uma, quando assinara o contrato de arrendamento; outra, de passagem no casamento da Bridget; e a última quando discutíramos a situação da minha renda depois de a Jules sair.

E de cada uma delas fiquei mais perturbada do que na anterior.

Falávamos de quê?

Decorrera menos de um minuto desde a resposta do Christian, mas o tempo estendeu-se tão lentamente que podia ter-se passado uma eternidade.

— Christian.

Uma voz profunda, com uma ligeira pronúncia, rasgou o ar, mantendo o nosso momento em suspenso.

O tempo voltou a assumir a cadência habitual, e a minha expiração saiu de uma só vez antes de virar a cabeça.

Alto. Cabelo escuro. Pele cor de azeitona.

O recém-chegado não era tão classicamente bonito quanto o Christian, mas preenchia as linhas do seu fato Delamonte com uma masculinidade tão crua que se tornava difícil desviar o olhar.

— Espero não estar a interromper. — O Fato Delamonte olhou de relance para mim.

Eu nunca me sentira superatraída por homens mais velhos, e aquele devia estar já a meio ou no fim dos trinta, mas *uau*.

— De maneira nenhuma. Chegaste mesmo a tempo. — Uma nota de irritação endureceu a resposta de Christian, que parecia suave. Pôs-se à minha frente, bloqueando a vista do Fato Delamonte, e vice-versa.

O outro homem arqueou uma sobrancelha antes de a sua máscara de indiferença cair e revelar um sorriso afetado.

Contornou o Christian, deliberadamente, quase como se o estivesse a provocar, e estendeu-me a mão.

— Dante Russo.

— Stella Alonso.

Estava à espera de que me apertasse a mão, mas, para minha surpresa, levou-a aos lábios e roçou-os levemente nos nós dos dedos.

Aquele gesto seria piroso vindo de qualquer outra pessoa, mas a verdade é que senti um frémito de prazer.

Talvez devido à pronúncia. Eu tinha uma fraqueza por tudo o que fosse italiano.

— Dante. — Sob a superfície da voz do Christian estava o gume de uma lâmina suficientemente afiada para cortar osso. — Estamos atrasados para a reunião.

Dante permaneceu imperturbável. A sua mão demorou-se sobre a minha um segundo mais antes de a largar.

— Foi um prazer conhecê-la, Stella. Tenho a certeza de que nos veremos por aí. — A voz arrastada continha a centelha de uma gargalhada.

Desconfiei que o seu divertimento não me era dirigido, mas sim ao homem que o fitava com um olhar gélido.

— Obrigada, foi também um prazer conhecê-lo. — Quase lhe sorri, mas algo me disse que não seria uma boa jogada. — Boa noite. — Olhei de relance para o Christian. — Boa noite, Senhor Harper. Obrigada pela boleia.

Imprimi um tom leve à voz, esperando que o regresso à formalidade absurda de antes lhe quebrasse a expressão granítica.

Mas ele nem hesitou ao inclinar a cabeça.

— Boa noite, menina Alonso.

Ah, então está bem.

Deixei o Christian com Dante no átrio, sujeitos a alguns olhares de admiração de quem ali passava, e entrei no elevador para o meu apartamento. Dados os limites de altura dos edifícios em DC, ficava tão próximo de uma *penthouse* quanto possível, a não ser que me mudasse para o décimo primeiro andar, o do Christian.

Não sabia o que provocara a sua súbita mudança de disposição, mas já tinha preocupações suficientes sem acrescentar mais à lista.

Procurei as chaves na mala, que deviam estar no meio da maquiagem, de recibos e elásticos para o cabelo.

Precisava de arranjar um sistema melhor de organizar a carteira.

Depois de procurar durante um par de minutos, a minha mão fechou-se à volta da chave.

Acabara de a inserir na fechadura quando a minha pele foi trespassada por um arrepio familiar que me deixou os cabelos da nuca eriçados.

Levantei a cabeça com um movimento brusco.

Não havia mais ninguém no corredor, mas o sibilar silencioso do sistema de aquecimento pareceu-me de súbito ominoso.

As recordações de bilhetes escritos à máquina e fotografias espontâneas tornaram a minha respiração mais breve, antes de conseguir afastá-las.

Deixa de ser paranoica.

Eu já não vivia numa casa antiga e pouco segura perto do *campus* da faculdade. Estava no Mirage, um dos edifícios residenciais mais bem vigiados de DC, e há dois anos que não tinha notícias *dele*.

A probabilidade de aparecer ali era praticamente inexistente.

Mesmo assim, a urgência quebrou o feitiço que me congelava os membros. Abri velozmente a porta da frente e fechei-a logo. As luzes ligaram-se enquanto colocava o ferrolho de segurança.

Só consegui descontraí-me depois de verificar todas as divisões do apartamento e de confirmar que não havia nenhum intruso à espera no armário ou debaixo da cama.

Estava tudo bem. *Ele* não voltara e eu sentia-me segura.

Não obstante o discurso tranquilizador, uma pequena parte de mim não esquecia a sensação de que o meu instinto estava certo e *havia* alguém a observar-me no corredor.

*O meu sonho é estar contigo.
E o meu maior medo é perder-te.
Tu serás sempre o meu primeiro,
último e único amor.*

Romântico, ambíguo, viciante.

Sensual, demorado, inesquecível.

**Um romance que vai morar
para sempre no seu coração.**

Stella Alonso é uma romântica sem tempo para relacionamentos. Mas quando uma ameaça do seu passado a leva diretamente para os braços – e para a casa – do homem mais perigoso que alguma vez conheceu, fica tentada a deixar-se sentir algo pela primeira vez em muito, muito tempo.

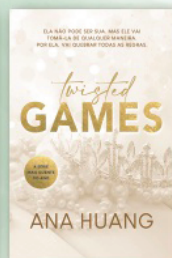


A escolha dos leitores em Portugal

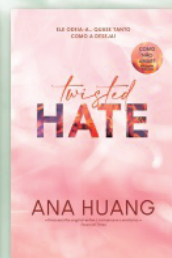
**Aviso: esta história apresenta um macho alfa moralmente ambíguo,
conteúdo sexual explícito e temas
potencialmente sensíveis para alguns leitores.**



Livro 1



Livro 2



Livro 3